

POÉSIE ET PEINTURE: O CORPO PLÁSTICO DA PALAVRA

Verônica Filíppovna¹

PENNA, João Camillo. **Parador**. Rio de Janeiro: Móbile, 2011.

Se eu tivesse a pretensão de falar sobre o livro *Parador*, do poeta João Camillo Penna, assim eu faria: esta é uma obra que se deslinda pelo fragmento. Como em arte é impossível falar sobre, porque a obra está além das classificações e dos modelos que tentamos lhe impor, as breves linhas aqui tecidas são fruto de um diálogo entretecido com a própria obra.

Parador é composto por poemas escritos nas mais variadas circunstâncias, ao longo de vinte anos (1978-1998). Em viagem pela Europa, João Camillo deixou-se tomar pela poesia que é a própria vida e, sem o intuito de escrever poemas de viagens, relatos ou saudades do Brasil, deu voz ao poético. O leitor poderá perceber que há no livro um mosaico rítmico cuja força é dada pelo silêncio do verso: o silêncio desfeito em imagem. A poesia fala mais em consonância com o silêncio. Por isso, toda tentativa de falar sobre a poesia será vã. Somente em diálogo é que deixaremos que o poético venha ao nosso encontro.

Com uma linguagem simples, com palavras que fazem surgir diante de nossos olhos imagens plenas de sentido, *Parador* nos surpreende na medida em que nos deixamos guiar pelos caminhos sugeridos pela própria obra. Com uma certa dose de lirismo e mistério, o livro vai nos envolvendo, parando, até sermos completamente tomados por uma literatura que não tem a pretensão de ser, porque já é.

“Poema herdeiro” abre o livro. Ao que parece, este poema concentra todo o vigor da obra. É a partir dele que digo: a poesia de João Camillo concilia literatura e pintura. A palavra poética dá-se também na projeção de telas. Para tanto – atenção. É preciso ser tocado pelas próprias imagens para que

¹ Tradutora, mestranda, em Poética pela UFRJ, pesquisadora do Colégio do Brasil e colaboradora da *Revista Tempo Brasileiro*.

possamos adentrar no corpo vivo da palavra, que é a linguagem. No entanto, é preciso também um corte. “O corte é curvo” (p. 09), mas necessário. A poesia vai além do formato poema. Sua essência – arte. Por isso, cada palavra faz surgir uma imagem, um movimento que é sempre revelação, apresentação de instantes onde o corpo do poema, ou melhor, as suas imagens projetam-se “alvejadas de brancura/ amanhecidas de papel” (p. 10). E o mais importante: sem exigir explicação.

Quando digo que *Parador* reúne pintura e literatura partilho da opinião de que ambas as artes se complementam. Pintura é literatura. Literatura é pintura. Ambas são tocadas pela poesia, cuja pletora de sentido está além dos conceitos. E por quê? “Poesia é o tráfego/ mais preciso do tempo de agora” (p. 42); é travessia; atravessamento que nos atravessa e nos põe em suspenso. Nesta suspensão, dizemos:

me dá meu corpo que dura
me cura em dar-me
retirando a dor que mora
me veste de olhar a pura
me chora em durar sem cura
atrasando o atar-me
a ti, que atura
até a morte que fura.

1995

Todo corpo, ao se dar – cura-se. Todo pedido é sempre uma possibilidade, um empenho por algo que é capaz de retirar a dor que julgamos habitar no âmago de nós mesmos, nos impedindo, assim, de irmos ao encontro do corpo. Vale ressaltar que corpo não deve ser confundido com organismo. Corpo é o que temos de próprio, é a nossa mais premente possibilidade para se alcançar sentido. Por isso, a dor que veste de olhar e que chora em durar sem cura diante do corpo – se esvai, porque se transmuta em cura.

O significado está além do significante...

Torno a repetir: João Camillo concilia imagem e palavra poética. Seus poemas tem uma força plástica onde cada palavra clama um corpo que é, a um só tempo, ritmo, encantamento, reflexão, paragem. Isso decorre de que imagem não é representação ou símbolo de algo, mas justamente o que desafia o princípio lógico-causal. A imagem, ou seja, nenhuma imagem perde seu caráter concreto e singular, ressoam aqui as palavras de Octávio Paz. Uma

imagem é como uma palavra: possibilidades de e para possibilidade de sentido.

Não posso deixar de acrescentar aqui que se o leitor espera encontrar um arranjo circunstancial e/ou direto para os poemas certamente não terá sua expectativa correspondida. Embora alguns poemas falem do Rio de Janeiro, não há nada que os veicule ao saudosismo. Obra alguma tem ideologia ou razão de ser estabelecida por valores *a priori*. Antes do porque há o sem porquê. O motivo de uma obra: ela mesma! Antes das teorias: as obras! No entanto, há quem insista em defender a classificação das obras como critério crítico. Este, porém, é assunto para outra ocasião.

Poeta de infinito – imagens –, João Camillo faz com que seus versos sejam, ao mesmo tempo, “separador” e “conjugação”. Por vezes, “instrumental”. Noutras, “fratura”. E ainda “haikus”. Todavia, em todas estas vozes, o que perdura é o “escrituário”. Dito em outras palavras, é a sensibilidade com a qual o poeta se volta para a palavra que lhe permite penetrar no corpo vivo da palavra que faz com que ele se entregue ao instante poético que se lhe apresenta. É com o corpo, alma do poeta, que versos são escritos e “as melhores palavras/ vislumbadas/ foram felizmente esquecidas de ouvido” (p. 37). Se as melhores palavras foram esquecidas será que podemos considerá-las como sendo, de fato, as melhores? Não o sabemos. O que sabemos, ou deveríamos saber, é que “o belo contém o terrível/ e o terrível o belo dentro” (p. 22).

A poesia de João Camillo é imagem acontecendo.